

RITOS E RELIGIÃO NA ILHA DE LESBOS DE ACORDO COM OS FRAGMENTOS DE SAFO

Ana Beatriz de Santana Bandeira Santos
Mestranda em História (PPGH-UFPEL)
anabiiii.absbs@gmail.com

Resumo

Os fragmentos de Safo de Lesbos hoje são resquícios da vasta obra que a poetisa teria composto entre os séculos VII e VI a.C. Originalmente compostos para a tradição oral, as canções de Safo apresentam diversas temáticas que possibilitam diversas abordagens historiográficas, entre eles temos a religião, aspecto representado nos fragmentos através de nomes de deuses como Afrodite, Hera e Zeus, juntamente com descrições de locais e festividades ligados à essas divindades. No presente artigo, investigaremos dois fragmentos de canções sáficas que apresentam aspectos ligados à religiosidade e aos ritos na Ilha de Lesbos, local onde Safo teria composto seu trabalho.

Palavras-chave: Safo de Lesbos; Ilha de Lesbos; Mélica Arcaica; Religião Grega.

RITES AND RELIGION ON LESBOS' ISLAND ACCORDING THE FRAGMENTS OS SAPPHO

Resume:

The fragments of Sappho of Lesbos today are remnants of the vast work that the poet would have composed between the 7th and 6th centurys B.C. Originally composed for the oral tradition, Sappho's songs presente several themes that allow diferentes historiographical approaches, among them we have the religion, an aspect represented in the fragments through the names of gods such as Aphrodite, Hera and Zeus, together with descriptions of places and festivities connected to these deities. In this article we will investigate two fragments of the Sapphic songsthat presente aspects related to religiosity and rites on Lesbos' Island, where Sappho would have composed her work.

Keywords: Sappho of Lesbos; Lesbos' Island; Arcaic Melic; Greek Religion.

Introdução

Safo foi uma poetisa da ilha grega de Lesbos, localizada na região da Ásia Menor. Ela fez parte do cânone dos nove maiores poetas na Antiguidade Arcaica, junto à Alcman, Alceu, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Simônides, Baquílide e Píndaro (Tebas, séc. VI e V a.C.), sendo a única mulher do grupo. A sua poesia é denominada mélica, um gênero que é “basicamente, o das composições destinadas à performance cantada em coro ou solo, com acompanhamento da lira – no caso da modalidade coral, junto a outros instrumentos” (RAGUSA, 2013, p. 12). O

corpus poético de Safo é extremamente fragmentário, sem qualquer detalhe sobre a melodia que acompanhava as letras parcialmente preservadas, sendo possível apenas ter uma noção dela por meio dos metros presentes nas canções.

Atualmente, existem cerca de 200 fragmentos da mélica sáfica preservados, e a organização destes tenta seguir a que teria sido feita na Biblioteca de Alexandria, no século III a.C., com oito livros organizados a partir da métrica presente nas canções e um livro de epitalâmios, canções de casamento. Esse trabalho de organização da mélica sáfica se torna complexo graças ao estado fragmentário de muitas dessas canções, porém nos ajuda a entender um pouco mais sobre essas canções que falam sobre amor, perda, música e celebrações.

Dentro das canções de Safo podemos ter contato com alguns elementos da religiosidade da Ilha de Lesbos e das práticas ritualísticas às quais a poetisa participaria. Ligando esse contexto à hipótese de que Safo seria líder de um círculo de jovens virgens, ao qual ela ensinaria a essas garotas diversos elementos essenciais para a futura vida delas como esposas, temos uma linha de pesquisa nos ajuda a compreender a inserção das jovens aristocratas no contexto ritualístico das *polis* de Lesbos.

No presente artigo analisaremos dois fragmentos da mélica sáfica que nos auxiliará a entender como a religiosidade e as práticas ritualísticas eram retratadas por Safo. Os fragmentos escolhidos foram o fragmento 2 e o fragmento 17, presentes no primeiro livro da mélica sáfica.

Análise do Fragmento 2

. . do céu desce[nd]-

vem de Creta a mim pa[ra o] santuário
consagrado até [o teu] belo bosque
junto às maci[eiras] o altar esfumaçado de incenso

lá uma água fresca a rugir nos ramos
entre as macieiras é só penumbra
da roseira e no alvitremor das folhas
desce esse sono

lá cavalos pastam num amplo campo
no vernal das flores por onde os ventos
sons suaves sopram [
[]

lá você ó Cipris toma
e graciosa sobre essas taças áureas
poderá libar o teu néctar dilu-
ído nas festas

(SAFO, Fragmentos completos, I, fr. 2)

Segundo fragmento presente no Livro I da mélica sáfica, o Fr. 2 é composto a partir da estrofe sáfica e possui 16 versos identificados até o momento. Neste fragmento Safo se dirige à Afrodite, deidade de maior destaque nos fragmentos da poetisa. Afrodite é mencionada no primeiro fragmento do Livro I da mélica sáfica, o único que se encontra completo atualmente, sendo um raro caso não apenas ao se tratar da composição de Safo, mas de todos os registros que temos da poesia lírica do período arcaico. A canção intitulada “Hino à Afrodite”, que possui 28 versos compostos pela estrofe sáfica, é uma espécie de oração da poetisa para que a deusa a ajude com as dores do amor.

Mesmo sendo uma mélica composta para a mesma divindade, o fragmento 2, possui uma narrativa diferente do antecessor. Segundo Ragusa “esse fragmento consiste num *kletikòs húmnos*, um hino clético, ou seja, numa prece que invoca um deus para instá-lo a sair do local em que se encontra e vir à presença de quem chama” (2005, p. 197). No segundo verso do fragmento, Safo chama Afrodite para que ela venha de Creta ao seu encontro no “santuário consagrado” (v. 2-3), em um belo bosque onde várias belezas naturais aguardam. Não é claro onde é esse bosque, seria em Lesbos ou em outro local onde ocorre o culto à Afrodite?

Uma característica peculiar presente nesse fragmento é a localização inicial da deusa: Creta. Afrodite é geralmente conectada à Chipre, local mítico do seu nascimento e que também tem seu espaço no fragmento 2. Entretanto, Creta não é tão citada ao tratarmos da deusa. Qual seria então o motivo de Safo escolher chamar a deusa a partir desse local em particular?

Primeiramente, há uma discussão sobre a possibilidade de ao invés de “Creta”, ser a palavra “cretenses” que está presente no segundo verso, sendo essa a opinião de Norsa (1937, p. 10-11), para comprovar o culto de Afrodite em Creta e que o local onde acontece a narrativa desse fragmento é a ilha em questão. Entretanto, a maioria dos estudiosos prefere a interpretação de que Afrodite estaria em Creta quando Safo a chamou, como é o caso de Lobel e Page (1955), Ragusa (2005) e Flores (2017).

Escolhemos seguir a interpretação desses últimos pesquisadores mencionados e dessa forma, precisamos compreender melhor a presença do culto à Afrodite em Creta. A Ilha de Creta é a maior e atualmente mais populosa do mar Egeu, possuindo uma posição central e estratégica em relação a vários centros da Antiguidade, como Egito, Rodas, Fenícia, Síria e Chipre. Essa ilha também possui uma cultura diversa com características orientalistas devido à sua localização próxima à Ásia.

É possível identificar a presença de Afrodite no campo ritualístico da ilha em dados evidenciados pela arqueologia e pela literatura. No ano de 1972, foi descoberto na região de

Viannos um santuário dedicado à Hermes e Afrodite. A escavação foi feita pela equipe do Heraklion Museum e chefiado por Angeliki Lebessi que, em 1976, publicou um artigo na revista *Expedition* sobre o trabalho. Alguns dos artefatos encontrados no local são vasos, figuras de bronze do período geométrico, placas de bronze representando o deus Hermes, um altar e figurar da deusa Afrodite, duas remontando ao período helenístico.

Até o momento, a continuidade ininterrupta da adoração no sítio do terceiro período do minoano médio até o século III d.C. é certa. Hermes e Afrodite nas suas características como deidades da natureza e da fertilidade foram adorados desde períodos históricos muito antigos até o Período Romano. Essas mesmas qualidades básicas podem ser reconhecidas na deusa e em seu consorte adorados no Período Minoano. As práticas de culto empregadas, ou seja, a queima de animais destinados ao sacrifício e depósitos de oferendas votivas na pira e certos tipos similares de oferendas, como as figuras de bronze e argila de animais, são atestados do período minoano tardio, no século VI a.C., enquanto o uso de tabulas de pedra intacta como objetos rituais e as quebradas como material de construção continuaram até um período muito tardio (LABESSI, 1976, p. 13, *tradução nossa*).¹

A descoberta desse sítio demonstra a importância que Afrodite teria na Ilha de Creta, revelando uma possibilidade de entendimento da referência geográfica que Safo utilizou ao cantar à deusa. Afrodite estaria em seu outro local de culto, Creta, quando foi chamada por Safo para que comparecesse ao culto que estariam fazendo a ela, possivelmente em Lesbos. A deusa atende então ao pedido da poetisa e parte para o local ao qual foi chamada.

Algo importante de ser analisado no fragmento 2 são os aspectos ritualísticos que podemos identificar: há uma construção de cenário, que ressalta a natureza presente, aspecto que parece ser usado para demonstrar à Afrodite o que a estaria esperando, como uma forma de persuasão.

Segundo Ragusa “Os cenários elaborados com imagens da natureza, em que não raro encontramos o sagrado e/ou o erotismo, constituem um aspecto importante da lírica de Safo” (RAGUSA, 2005, p. 193). A natureza dessa forma constitui um traço da métrica sáfica, ressaltando a beleza e criando uma narrativa cheia de detalhes e conexões mitológicas. No fragmento 2, cada elemento natural se torna uma referência à Afrodite, um cenário ritual

¹ “At present the uninterrupted continuity of worship at the site from the MM IIIB period through the 3d century A.D. is certain. Hermes and Aphrodite in their character as nature and fertility deities were worshipped from very early historic times through the Roman period. These same basic qualities can be recognized in the goddess and her consort worshipped in the Minoan period. The cult practices employed, i.e. the burning of sacrificial animals and depositing of votive offerings in the pyre and the similarity of certain types of offerings, such as the bronze and clay animal figurines, are attested from the LM IIIB period through the 6th century B.C., while the use of intact stone tables as ritual objects and broken ones as building material continued into a very late period”.

montado para agradar e representar a deusa. Em outra obra de sua autoria, Ragusa comenta sobre esses elementos:

(...) rosas, cavalos, maçãs, água são notadamente nutridos de sentido erótico na poesia grega antiga. As rosas são ditas flores preferidas de Afrodite; os cavalos são belos, selvagens e vigorosos; as maçãs e outras frutas redondas e cheias de sementes remetem à fertilidade do sexo e são caras à deusa; e a água é a chave para a concepção da vida, sua gestação e sua manutenção (RAGUSA, 2013, p. 105).

Dessa forma, é perceptível uma conexão de elementos relacionados à deusa e um cenário ritualístico, onde Safo também cita a presença do altar esfumado de incenso. O altar, palco principal do “santuário consagrado” descrito pela poetisa, está então purificado com o uso do incenso, elemento de origem oriental que é absorvida pela religião grega. Esses elementos explicitam ainda mais o caráter ritualístico do fragmento em questão.

Os versos finais do fragmento elucidam ainda mais o caráter ritualístico dele, onde Safo convida Afrodite a libar o néctar diluído nas festas. Se nos primeiros versos temos uma apresentação do cenário onde acontece a ação, nos versos finais vemos que a participação da deusa realmente se enquadra em um contexto festivo. Esse não é um ritual privativo de Safo à Afrodite, é um rito onde há mais pessoas, onde há a presença do néctar, uma bebida ritual, característica dos deuses, mas que para os humanos é adaptado para o vinho. Afrodite abençoa essa bebida para as festividades dedicadas a ela, se formos levar a consideração o fragmento como um todo.

Uma última questão a ser discutida sobre o fragmento 2: afinal, como sabemos que é Afrodite que está sendo chamada por Safo? É apenas no verso 13 que a poetisa chama a deusa não pelo seu nome mais conhecido, mas por Cípris, uma denominação de Afrodite que faz referência ao mito de origem da deusa na Ilha de Chipre. Além do fragmento 2, também é detectado o uso desse nome nos fragmentos 5 e 15.

Assim como Creta, a Ilha de Chipre também tem uma localização privilegiada entre a Europa e a Ásia, sendo outro entreposto cultural entre Ocidente e Oriente. Localizada na região da Bacia do Levante, próxima ao Líbano, Síria e Turquia, Chipre tem ainda mais contato que Creta com a cultura Oriental, pela sua proximidade com a região. Essa característica cultural da ilha a liga inclusive com Lesbos, que é localizada próxima à Ásia.

Ragusa comenta sobre esse aspecto: “Falar da ilha é, portanto, em larga medida, falar de Afrodite; é também falar do Oriente e marcar as múltiplas conexões desse universo com a deusa. Mas se essa se configura como a mais forte maneira de o fazer, não se trata da única” (2005, p. 120).

Safo nos apresenta no fragmento 2 não apenas uma mélica repleta de aspectos ritualísticos ligados ao culto à Afrodite, ela também nos canta sobre as características e história da deusa, e a partir dela podemos conhecer mais sobre elementos presentes nessa personagem mítica essencial para a cultura grega. Compreender o culto de Afrodite através da mélica sáfica, é entender um pouco mais sobre o universo ritualístico da própria Ilha de Lesbos.

Análise do fragmento 17

□
Venha para a [danç]a a[pareç]a eu peço
Hera soberana em gr[acio]sa festa
que implorada por um A[trida] outrora
reis celebraram

quando assim findaram [seus gran]des feitos
sobre o cerco de [Ílion] depois nos mares
ancorando aqui [sem] haver a via
para chegarem

mas a ti e a Zeus Ant[iau] seguiram
e a Tione [junto do lind]o filho
e hoje [] . . . celebramos
tal como ou[trora]

pura be[la]um bando
de mulher[es]virgens
ao] redor . []
brados] no metro

tu[]
[.] . nil[]
Para se[r]
pa]ra o reto[rno].

□
(SAFO, Fragmentos completos, I, fr. 17)

O fragmento 17 pertence ao Livro I e é composto em estrofe sáfica. Nesse fragmento, Safo não canta à Afrodite, deusa principal presente na mélica da poetisa, e sim à Hera, irmã e esposa de Zeus, rainha do Olimpo, matrona do casamento e da fertilidade. Os versos que chegaram até nós narram o que seria um pedido de Safo para que a deusa do casamento apareça à festa, citando também Zeus Antiau, Dioniso e sua mãe, Tione.

Ao chamar Hera para “a dança”, Safo estabelece uma conexão entre esse pedido e a celebração feita em homenagem à deusa pelos átridas, que seriam os irmãos Menelau e Agamemnon, personagens dos poemas homéricos. Aqui temos mais uma referência de Safo à

narrativa da guerra de Tróia, algo que também é feito no fragmento anterior a este. No fragmento 16, temos Menelau como marido da bela Helena, que o abandonou para velejar a Tróia com Páris, já no fragmento 17, Helena não é mencionada, Menelau está em conjunto com seu irmão e a escolha de Safo para essa canção é abordar o pós-guerra, quando após o “cerco de Ílion”, os irmãos perderam seu caminho para casa em meios aos mares.

No antigo texto de Safo, uma ação mítica para explicar a fundação do culto pelos Átridas já era sugerido. Depois da queda de Troia, os reis navegaram para Lesbos. Como eles não podiam achar o caminho de volta para casa, eles rezaram para a divina trindade para ajuda. Essa versão difere um pouco da presente na Odisseia, onde as orações são dedicadas a uma deidade anônima, talvez Zeus, e Agamenon e Menelau são separados antes de qualquer um deles chegue a Lesbos. Mas a versão de Safo concorda com Agamenon de Ésquilo, ao qual os dois irmãos deixam Ílion juntos. A nova versão de Safo confirma que os gregos estavam buscando orientações dos deuses sobre qual rota tomar através do Egeu (CRISTÓBAL, 2017, p. 163, *tradução nossa*).²

Apesar de Hera ser a deusa principal do clamor de Safo, ela também canta que, ao ser chamada para festejar pelos átridas, esses também convidam Zeus Antiau, Tione e Dioniso. Zeus Antiau é o Zeus dos suplicantes, divindade também chamada por Alceu, poeta lírico lesbiano da mesma época de Safo, no fragmento 129 do poeta³. Tione é a mãe de Dioniso, esse

² In the ancient Sappho text, a mythical aition to explain the foundation of the cult by the Atreides had already been suggested. After the fall of Troy, the kings sailed to Lesbos. As they could not find the way back home, they prayed to the divine trinity for help. This version differs slightly from that of the Odyssey, in which the prayer is dedicated to an anonymous deity, perhaps Zeus, and Agamemnon and Menelaus separate before either of them reach Lesbos. But Sappho’s version agrees with Aeschylus’ Agamemnon, in which the two brothers leave Ilium together. Sappho’s new version confirms that the Greeks were seeking direction from the gods as to which route to take across the Aegean.

³ ... os lésbios este ...

... notável sacro recinto, grande, ...
Estabeleceram, comum (a todos), e nele altar
dos imortais venturosos fincaram,

e nomearam Zeus dos suplicantes,
e tu, deusa gloriosa, Eólia,
mãe de todos, e este terceiro
nomearam Cervo,

Dioniso, comedor de carne crua. Vinde,
e, tendo o coração benévolo, nossas preces
escutai, ... das penas
e do exílio funesto libertai-nos;

o filho de Hirras, que o persiga

nome é dado a Selene após a mesma ser resgatada pelo filho no mundo inferior, é o seu nome como imortal. Dioniso não é nomeado diretamente, mas é possível identifica-lo como o “lindo filho” que Safo atribui a Tione.

Segundo Flores, Zeus, Hera e Dioniso teriam um templo famoso na cidade de Mesa, que é citado por Alceu no fragmento 129 (2017, p. 67). Alceu o chama de “notável sacro recinto, grande” onde “estabeleceram, comum (a todos), e nele altar dos imortais venturosos fincaram”⁴. Existem várias hipóteses acerca da localização do templo desses deuses em Lesbos, entretanto Cristóbal também tem a mesma opinião que Flores, de que esse santuário estaria na cidade de Mesa, local próximo à onde Alceu foi exilado, momento esse que parece ser retratado em seus fragmentos 129 e 130.

A mais crível das hipóteses identifica o recinto com um santuário com o nome em Messon, mencionado em duas inscrições datadas do século II a.C. Está localizada na Mesa dos dias presentes, na parte noroeste do Golfo de Kalloni, no centro da ilha, próxima à antiga Pirra. De fato, de acordo com um escólio, Alceu foi forçado em se exilar na pequena cidade. Pirra tem vista para uma baía com um porto natural, capaz de oferecer um refúgio seguro para tais navegadores átridas. Pela descrição do fragmento 130 de Alceu, para ser localizado extramuros em um ambiente rural. Nos arredores da área poderiam haver vinhas, elemento consistente com a presença de Dioniso. O santuário foi datado da primeira metade do século IV a.C., apesar de arqueólogos determinarem que existem vestígios de construções anteriores (CRISTÓBAL, 2017, p. 171, *tradução nossa*).⁵

a Erínia deles, já que um dia juramos,
cortando um sacrifício ...
jamais... um dos companheiros,

mas ou, morrendo, cobertos pela terra
jazer, pelos homens que então...
ou ainda, matando-os,
libertar o povo de suas dores.

O pançudo não falou ao coração
deles, mas levemente, após pisotear
com seus pés os juramentos, devora
nossa cidade...

(ALCEU, fragmento 129, trad. RAGUSA, 2013).

⁴ Aqui seguimos a tradução de Ragusa (2013, p. 79).

⁵ The more believable hypothesis identifies the precinct with a sanctuary by the name of Messon, mentioned in two inscriptions dated to the second century BCE. It is located in the present-day Mesa, in the north-western part of the Gulf of Kalloni, in the center of the island next to the old Pyrrha. In fact, according to a scholium, Alcaeus was forced into exile in this small city. Pyrrha overlooks a bay with a natural harbour, able to offer a safe haven to such sailors as the Atreides. By the description of Alc. fr. 130, it seems to be located extramuros in a rural setting. In the surrounding area could there be vines, elements consistent with the presence of Dionysos. The sanctuary has been dated to the first half of the fourth century BCE, although archaeologists determined that there were remains of a previous building.

Safo e Alceu escreverem sobre os mesmos deuses pode ser um indicativo da importância destes na Lesbos dos séculos VII-VI a.C., nos apresentando um rico contexto ritualístico da região. A tríade divina formada por Zeus, Hera e Dioniso se mostra então de extrema importância para o contexto cultural e social da Ilha de Lesbos, auxiliando também a própria trajetória de Safo e seu compatriota Alceu, que teriam os mesmos ideais políticos, apesar desse fato não ser explicitado nas líricas de ambos. Em concordância com as palavras de Cristóbal:

Em conclusão, Zeus como o deus dos suplicantes, Hera como a divindade principal dos Éolios e deusa chave entre os Argivos, e Dioniso por causa da relevância do vinho na família, as situações política e social de Safo e Alceu poderia explicar a existência circunstancial da trindade lesbiana no poema deles (CRISTÓBAL, 2017, p. 167, tradução nossa).⁶

Retomando o tema festivo presente no fragmento 17, entre os versos finais e com mais lacunas, é possível identificar a citação de Safo a um “bando de mulheres virgens”. Levando em consideração o contexto festivo ao qual a poetisa clama pela deusa do casamento nas estrofes anteriores, podemos considerar essas mulheres como possíveis participantes dessa festividade. Essa hipótese fortalece a interpretação de que Safo estaria na liderança de um *tíaso*, grupos de jovens garotas virgens, que estariam aprendendo com a poetisa sobre música e boas maneiras, uma preparação para a vida ritualística e de futuras esposas dos homens da *pólis*.

Considerações Finais

Os fragmentos sáficos apresentam diversas temáticas, algumas mais “pessoais”, voltados ao que seria uma vida privada de Safo, e outras que estão voltadas à religião, ritos e música na Ilha de Lesbos. Esses últimos elementos podem ser analisados de forma atenta nos fragmentos 2 e 17, que nos apresentam diversos elementos voltados a religiosidade que Safo tinha contato.

A partir da análise feita nesse texto, podemos estabelecer uma conexão entre o fragmento 2 – o hino clético à Afrodite – e o fragmento 17, já que ambos clamam por deusas – Afrodite e Hera –, as convidando para festividades e apresentando elementos ritualísticos. Infelizmente as lacunas no fim do fragmento 17 impedem que possamos confirmar essa

⁶ In conclusion, Zeus as the god of suppliants, Hera as the main divinity of the Aeolians and key deity among the Argives, and Dionysos because of the relevance of wine in the family, the social and political situations of Sappho and Alcaeus could explain the circumstantial existence of the Lesbian triad in their poems.

hipótese, mas possivelmente as duas últimas estrofes poderiam apresentar o cenário festivo, assim como nas primeiras estrofes do fragmento 2. As mulheres virgens então fariam parte dessa festa, e considerando que elas estariam prestando homenagens a Hera, também temos a conexão com a preparação para a futura vida matrimonial dessas garotas.

A religião em Lesbos retratada por Safo em seus fragmentos se mostra então de extrema importância, pois retrata o contexto ritualístico da ilha e nos ajuda a compreender o espaço que jovens garotas da aristocracia estavam inseridas. A participação das mulheres no contexto ritualístico era importante na cultura grega e entender esse aspecto nos ajuda a compreender a própria dinâmica religiosa do local analisado.

Referências Bibliográficas

Fontes Primárias

ALCAEUS; SAPPHO. **Greek Lyric I: Sappho and Alcaeus**. Edited and translated by David A. Campbell. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

ALCMÁN; ALCEU; SAFO; ESTESÍCORO; ÍBICO; ANACREONTE; SIMÔNIDES; BAQUÍLIDES; PÍNDARO. **Lira grega**: Antologia de poesia arcaica. Organização e tradução de Giuliana Ragusa. São Paulo: Hedra, 2013.

SAFO. **Fragmentos Completos**. Tradução de Guilherme Gontijo Flores. São Paulo: Editora 34, 2017.

Bibliografia Crítica

CRISTÓBAL, Ana Isabel Jiménez San. The So-called Lesbian Triad: Zeus, Hera and Dionysos. Budapest: **Akadémiai Kiadó**, n. 57, 2017, p. 159-76.

DEMARCHI, Cristiane. Entre imagens e Safo: apontamentos de uma pesquisa. Campinas: **Anais do XXI Encontro Estadual de História**, ANPUH-SP, 2012, p. 1-10.

LEBESSI, Angeliki. A Sanctuary of Hermes and Aphrodite in Crete. **Expedition Magazine** 18.3, Penn Museum, p. 2-14, 1976. Disponível em: Acessado em: 07/05/2022.

MAGALHÃES, Clarice Rego; SILVA, Mariana Leal. Safo de Mitilene e invisibilidade das mulheres artistas. Pelotas: **Revista Seminário de História da Arte**, v. 02, n. 08, 2020, p. 1-11.

NORSA, Medea. Versi di Saffo in un ostrakon del sec. II a.C., **Annali della Reale Scuola Normale Superiore di Pisa** 5, 1937, pp. 8-15.

RAGUSA, Giuliana; REISHTATTER, Raphael Quinteiro. Canções-preces na poesia mélica arcaica. Codex - **Revista de Estudos Clássicos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 1, pp. 71-98.

RAGUSA, Giuliana. **Fragmentos de Uma Deusa**: A Representação de Afrodite na Lírica de Safo. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

SHIELDS, Emily Ledyard. **The Cults Of Lesbos. Menasha**: George Banta Publishing Company, 1917.

VIAL, Claude. **Vocabulário da Grécia Antiga**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.